

Introdução ao dossiê “Comunicação e experiência sensível”

César Guimarães
(*consultor do dossiê*)

Os estudos – em número crescente – que investigam o vínculo entre os fenômenos comunicativos e a experiência estética se distribuem em um vasto leque de abordagens, filiadas a matrizes conceituais distintas. De longa tradição nos domínios da filosofia e da teoria da arte, o tema do sensível vê-se hoje disputado por um feixe de disciplinas – semiótica, fenomenologia, pragmatismo, ciências cognitivas, dentre tantas – que o deslocam de seu território original, a Estética, e o repartem em múltiplas perspectivas.

No que concerne às pesquisas voltadas para a compreensão da dimensão estética imanente aos processos e produtos comunicativos, este dossiê escolheu um caminho bem distinto daquelas abordagens que atribuem à mediatização o poder de estetizar e desvirtuar (ou até mesmo degradar) diversas dimensões da experiência contemporânea: da política partidária aos espaços da vida ordinária, passando pela nossa relação com os produtos midiáticos, governados pelas estratégias do espetáculo e da superexposição.

Partimos inicialmente das formulações de Jacques Rancière em torno da *partilha do sensível* (2005). Para o filósofo, essa expressão concerne ao regime das formas que determinam o que se dá a sentir, ao recortar espaços, tempos e tipos de atividades que se prestam tanto a um compartilhamento (um comum partilhado) quanto a uma divisão ou distribuição exclusiva de partes nos espaços sociais. Esse ponto de vista permite-nos compreender as relações entre a experiência sensível e os variados aspectos da realidade social para além da maneira usual como, entre nós, restringe-se a dimensão estética dos fenômenos comunicativos unicamente à relação com as obras artísticas ou com os produtos midiáticos.

Um espectro de possibilidades investigativas (teórico-especulativas ou analíticas) surge dessa caracterização da *partilha do sensível*, abrigados sob um arco que alcança desde as práticas da vida ordinária até a política, tomada como uma forma de experiência que “ocupa-se do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer, das propriedades do espaço e dos possíveis do tempo” (RANCIÈRE, 2005, p.17). É nesse sentido que as mais variadas práticas (artísticas, cotidianas, políticas) podem ser escalonadas de acordo com essa *estética primeira* que, nos termos de Rancière (2005), define o modo como as diversas maneiras de fazer intervem no recorte dos espaços e dos tempos, do visível e do invisível, da palavra e do ruído.

As intervenções na distribuição do sensível, conduzidas por maneiras de fazer específicas – e que não se limitam exclusivamente às práticas singulares da arte – podem, desse modo, reafirmar ou deslocar os traços que definem o comum de uma comunidade. Se assim é, as diferentes maneiras de fazer contempladas por este dossiê – música, fotografia, documentário, instalações artísticas, jornalismo impresso – testemunham, cada uma ao seu modo, que o mundo no qual habitamos é tanto nossa criação quanto nossa alienação (NANCY, 2002, p.30). Concebida dessa maneira, a experiência estética pode então inventar pequenos mundos dentro do mundo e, com isso, redefinir as divisões que regem o que pode ser visto, falado e ouvido; enfim, tudo o que pode ser sentido.

Referências

- NANCY, J-L. *La création du monde ou la mondialization*. Paris: Galilé, 2002.
- RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível*. São Paulo: EXO Experimental. Org.Ed. 34, 2005.

César Guimarães é professor do Departamento de Comunicação Social da FAFICH-UFMG e pesquisador do CNPq.

cesargg6@gmail.com